

**Nome:** Anna Paula Marques Haddad Basso

**Email:** annahaddad@uol.com.br

**Instituição:** PUC-SP

**Orientador:** Eduardo Rodrigues Cruz

## A ESPIRITUALIDADE ATEÍSTA DE ANDRÉ COMTE-SPONVILLE

**Resumo:** Sobre o materialismo pode-se dizer que lhe é próprio – em certa perspectiva - apegar-se a aspectos aparentes, formais e porque não dizer, sendo fiel as principais referências da obra em questão, sensualista (ver o epicurismo). É possível que seja por conta de em ausente a substância autossuficiente e criadora reste a nós aquilo que vemos, sentimos, e podemos forçosamente produzir em nossa miserável tentativa de ascender de alguma forma.

O materialismo imanentista do filósofo francês André Comte-Sponville (1952-) tem um tanto disso, a qualidade da forma chega a se confundir com o argumento filosófico, simpatia da associação beleza e verdade.

O objeto da nossa pesquisa é o texto do “Tratado do Desespero e da Beatitude” (t. 1, 1984/t. 2, 1988; PUF) e sua intersecção com a proposta de espiritualidade ateísta que será melhor delimitada em “O Espírito do Ateísmo” (2006, Albin Michel).

Felizmente a forma não se resume a reproduzir o encantamento da sofística, a apropriação da tradição filosófica é feita com cuidado e, por fim, numa leitura mais apurada vence o argumento, o *ratio*. É preciso “desesperar” – ir ao neutro, abdicando das expectativas - é preciso regozijar-se na verdade (a beatitude, a verdade felicidade).

Ambos os textos foram redigidos em estilo ensaístico, no esquema do diálogo socrático, exigindo do leitor certa entrega espiritual à discussão, ao desenvolvimento do texto; respondendo um tanto espantado e meditando por percursos imagéticos e conceituais já caminhados pelo autor, formulando suas próprias respostas para parágrafo a parágrafo responder aos flertes de um sedutor.

*Por que seria este materialismo imanentista relevante enquanto proposta de espiritualidade para o século XXI?*

Oras, o niilismo nos assombra, preguiça e fraqueza em investir contra a realidade com a força da consciência, persistência transformadora, e por isso, abre-se o vácuo facilmente preenchido pelos dogmatismos da pior espécie.

Nas palavras do autor, não se trata apenas da versão mais comum dele, e sim de um “niilismo prático em vez do ontológico: a negação, não da essência, mas do valor! Filosofia do tudo se equivale (já que nada vale), do para quê, da inanidade de tudo, da renúncia, do abandono.” (Bom dia Angústia, 1997).

Fazer frente a este “inimigo” com as armas da desonestidade, negando o que o homem “é”; ser do qual a espiritualidade faz parte é ser desonesto no sentido mais essencial do pensamento, a busca pelo verdadeiro.

Ainda conversando com a virtual vitória do niilismo Sponville elabora um sistema que aposta no homem (sem a adoração infantil do humano); na sua racionalidade como capaz de constituir valores sem fiança transcendente (resposta ao fantasma da aniquilação da moral sob a perspectiva niilista); propõe a fidelidade à tradição formadora do ocidente (a greco-romana judaico-cristã - o que é resposta ao fanatismo ateu e uma conciliação entre “espíritos livres - abertos e tolerantes” em ambos os campos); e coloca a filosofia como à serviço da felicidade enquanto uma resposta à cultura do entretenimento efêmero e sem direção, o apego ao verdadeiro.

Escrito em 1984 e 1988, o Tratado, até pelo seu caminho conceitual (que é de proposição de uma sabedoria, com referências estruturais em Montaigne, Espinosa, Pascal) não trava diálogo com os projetos da esfera científica e que abalaram a investigação do homem no que diz respeito à religião neste início do século XXI, cito apenas dois deles: estudos na neurociência apontando para a predisposição a percepção dualista da realidade (Bloom, 2007) o que para os ateus é a refutação da exterioridade da origem da crença e, paradoxalmente também, para os crentes, a confirmação da engenharia do divino a guiar nossa matéria para o “absoluto transcendente”. Outro, são os resultados das pesquisas do também neurocientista Antonio Damasio no sentido de compreender o que é a consciência, o papel da emoção na razão (2009).

A proposta sponvilliana foge de constituir-se ancorada em dados científicos (da ciência diz: “só podem alcançar o relativo, elas podem apenas descrever, ou às vezes, explicar”, 2003) busca o sentido filosófico da formulação de uma ideia a dar conta do todo. E na busca pela atemporalidade de uma pergunta que perpassasse tudo se estabelece também construindo com imagens e símbolos de tradições religiosas um lugar do homem laico com espiritualidade.

Dentre muitas ofertas do texto essa é uma delas, reconhecer na produção humana símbolos pródigos de estados espirituais. Finalizo com a conceituação do próprio autor acerca do que viria a ser a espiritualidade do ateu, a saber, a vida do espírito:

“A potência de pensar, na medida em que tem acesso ao verdadeiro, ao universal ou ao riso. Neste sentido esta palavra só é utilizada no singular (falar de espíritos é superstição). É que a verdade, na medida em que a ela temos acesso, é a mesma em todos. É por isso que ela é livre (não obedece a ninguém, nem mesmo ao cérebro que a pensa), e que liberta. Essa liberdade em nós, que não é a de um sujeito, mas da razão, é o próprio espírito. Engana-se quem vê nela uma substância, mas não se engana menos quem nela vê um puro nada. O espírito não é uma hipótese, dizia Alain, já que é incontestável que pensamos. Nem uma substância, já que não pode existir sozinho. Digamos que é o corpo em ato, na medida em que tem a verdade em potência. Em potência, não em ato. Nenhum espírito é a verdade; nenhuma verdade é o espírito (seria Deus). É por isso que o espírito duvida de si mesmo e de tudo. Ele sabe que não sabe, ou que sabe pouco. Preocupa-se ou diverte-se com isso. Duas maneiras (pela reflexão, pelo riso) de ser fiel a si mesmo, sem se crer. O espírito, sob essas duas formas, parece próprio do homem. É também uma virtude: a que supera o fanatismo e a tolice.” (COMTE-SPONVILLE, 2003,p. 207)

**Palavras-chave:** ateísmo; espiritualidade; niilismo.

\*\*\*

COMTE-SPONVILLE, André. *Traité du Desespoir et de la Beatitude*. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.

\_\_\_\_\_, *Bom Dia, Angústia!* 1º. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_, *Dicionário Filosófico*. 1º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_, *O Espírito do Ateísmo: Introdução a uma espiritualidade sem Deus*. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

BLOOM, Paul. *Religion is Natural*. Department of Psychology, Yale University. 2007.

DAMASIO, Antonio. *E o cérebro criou o homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.